



Arriúna, DE DANÇA SALTITANTE A patrimônio

Coreografia junina criada há quase 30 anos é a marca identitária das quadrilhas profissionais do Distrito Federal

» SAMUEL CALADO

O movimento das quadrilhas juninas é um dos mais fortes e atuantes do Brasil, com representantes de todas as regiões. Só no Distrito Federal, existem mais de 50 grupos, alguns deles com mais de 40 anos de atividade. Por concentrar pessoas de todas as regiões e ser um caldeirão de culturas, a capital recebe influências de todos os cantos do país. Fatores como a cidade natal dos fundadores e o tempo de atividade dos grupos interferem diretamente na formação cultural e na identidade de cada um deles. No entanto, diante da imensidão de brilho e estilos, existe um patrimônio que faz a conexão entre todos os quadrilheiros da capital: a arriúna. A dança foi criada em 1998, em Samambaia, pelo brincante Gilberto Alves da Silva e está presente em todas as apresentações das juninas.

De acordo com Gilberto, os primeiros passos da dança nasceram em 1994, após aceitar o desafio de marcar a saudososa quadrilha Quebra Topete. "Eu já comecei querendo ser um marcador diferente, que não fosse tão parado e que se movimentasse no arraial. Alguém que pudesse interagir com as pessoas e dançar também. Na dança, a gente já tinha algo que chamo de 'massa barro', em que se batia palmas e os pés no chão, mas eu queria algo mais saltitante, que pudesse diferenciar. Quando fui fazer parte da Quebra Topete, resolvi já começar dançando saltitante. Foi ali que nasceu a base do que viria se chamar arriúna".

Quebra Topete

A Quebra Topete foi uma quadrilha de Samambaia que se destacou no movimento junino do Distrito Federal entre a década de 1990 e o início dos anos 2000, conquistando diversos prêmios. O nome surgiu em homenagem à música de mesmo nome do Trio Parada Dura. "Era uma quadrilha que trazia a diversidade da cultura popular do povo brasileiro e buscava sempre inovar. Era uma das poucas quadrilhas que não tinha casamento, mas que trazia o teatro aflorado em sua composição. Ela não dançava para os avaliadores, dançava para o público", conta o pesquisador junino Ricardo Zen, que foi integrante da quadrilha na época.

Entre 1997 e 1998, já à frente da quadrilha Quebra Topete como marcador e dançando de forma "saltitante", Gilberto desafiou os brincantes a executarem aquele movimento nos ensaios. "Propus que toda a quadrilha dançasse daquela forma e até conseguimos avançar, mas o movimento ainda não era padronizado. Então,

estudei formas de ensinar e colocá-los para executarem o mesmo movimento. Treinamos mãos, pés e conjunto, exaustivamente. Lembro de ter utilizado a música *Eu me amarrei*, da dupla João Paulo e Daniel, como exercício para os quadrilheiros aprenderem a dançar na época. Na coreografia, eles dançavam galopando e isso já era um bom começo", relata.

No ano de 1998, com a "dança saltitante" que ainda nem era chamada de arriúna, a Quebra Topete venceu o concurso de quadrilhas promovido pelo Serviço Social da Indústria (Sesi-DF), um dos mais almejados na época, consagrando aquela que seria posteriormente a identidade cultural da capital federal. "Ao conquistar o título, vimos que estávamos no caminho certo. Quando uma quadrilha ganha um concurso de excelência, ela vai inspirando as demais. Funciona muito isso no movimento junino. Depois dali, todas as quadrilhas passaram a incluir a dança em suas coreografias", conta Gilberto.

O atual presidente da Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas (Conaqj), Hamilton Tatu, que também preside a Pau Melado, de Samambaia, foi um dos fundadores da Quebra Topete e lembra com carinho do dia em que a junina se consagrou campeã. "A final de 1998 foi no domingo, no centro de Taguatinga. A gente tinha se classificado em sexto lugar na semifinal, só que tínhamos o poder do improviso e decidimos mudar o jogo de última hora. Nós levamos um pano enorme, uma aliança, entramos com máscaras pretas e turbantes pretos e todo mundo dançando Arriúna. A música nossa de entrada era *Para não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré, que foi censurada por muito tempo. Eu vim de Preto Velho. Dancei demais! Voei no arraial com a Arriúna. Lembro como hoje, quando disseram que éramos os primeiros. Aquilo com certeza firmou a dança".

Batismo

Após a vitória da Quebra Topete, em 1998, a "dança saltitante" foi disseminada entre os grupos, mas ainda não tinha nome. O batismo ocorreu após a popularização da música *No terreiro da fazenda*, composta pelo pernambucano João Leocádio da Silva, o Mestre João Silva. "A música fala que a 'reúna vai roncar no terreiro da fazenda', mas a reúna que o compositor se refere era o nome que davam à espingarda curta ou fuzil de cano curto na época. Eu não sei explicar quando e nem onde essa dança passou a se chamar arriúna, mas a gente começou a chamar e virou arriúna", finalizou.



O Gilberto Alves da Silva foi o criador da arriúna, em 1998

Minervino Júnior/CB/D.A Press.

Reconhecimento acadêmico

» A pesquisadora, avaliadora e supervisora pedagógica da Escola de Música de Brasília, Cleire Zaran, realizou um trabalho de pesquisa acadêmica na Universidade de Brasília entre os anos de 2020 e 2023 com quadrilhas de várias regiões do Distrito Federal e reforça a compreensão da dança como patrimônio. "Não tem como falar em movimento junino de Brasília sem falar de arriúna. Ela é a alma, é a essência e a respiração. Quando eu vou avaliar quadrilhas lá fora, as pessoas sempre perguntam como se dança a arriúna. Dizem que é muito interessante e sempre pedem. Por isso que eu digo: ela é a identidade".

Como se dança?

"Quando você vê o brincante executando um passo no arraial que transmita a sensação de que ele está flutuando, tenha certeza de que ali está a arriúna", ressalta Gilberto.

Ao criar a metodologia, Gilberto fala que os movimentos devem ser executados de forma rápida e animada, transmitindo a mensagem de felicidade e calor por meio da dança. De acordo com o criador, é possível dançar a arriúna de forma padronizada e também no estilo livre. Ele criou o passo a passo para aprender a dançar.

- » 1º passo: ficar na ponta do pé e "quicar" (importante ser na ponta dos pés para o movimento ser suave/rápido e não pesado/lento).
- » 2º passo: jogar as pernas para o lado, na diagonal, uma de cada vez.
- » 3º passo: incorporar o movimento dos braços alternados para cima ou para baixo.
- » 4º passo: inclusão da espontaneidade e registro de cada quadrilheiro, seja em jeitos, movimentos e gracejos.

Na movimentação realizada pelas mulheres, geralmente, as mãos seguram as pontas das saias, para cima e para baixo, de forma alternada e os pés também transmitem a sensação de flutuação.

“Dança é para todo mundo”

O coreógrafo e avaliador junino Júnior O'hara defende: "a arriúna é a identidade. É muito bonito de se ver. Acho lindo a maneira das movimentações das saias das mulheres. Isso enriquece muito o nosso movimento".

"Posso mudar os cacoetes coreográficos, os trejeitos de dançar a quadrilha, colocar a temática, mas jamais posso deixar de fazer aquilo que é a minha tradição, aquilo que é a minha

resistência de Brasília. Dançamos a arriúna do começo ao fim", defende Hamilton Tatu, presidente da Conaqj e da Quadrilha Pau Melado.

Para Alexa Guerra, coordenadora de avaliação da Liga de Quadrilhas Juninas do Distrito Federal e Entorno (Linqjfe), a arriúna é algo vivido por todos os quadrilheiros. "Eu faço questão de apresentar a dança nas formações nacionais para mostrar essa identidade aos avaliadores

de outros estados, que muitas vezes não compreendem o passo", relata.

"A arriúna não tem preconceito. Ela mostra que cada corpo é um corpo, que a dança é para todo mundo, que quadrilha é lugar de acolhida. Todo mundo pode dançar com sua característica. É o nosso patrimônio", reforça Gilson Cezar, coordenador de avaliação da Federação de Quadrilhas Juninas do Distrito Federal e Entorno (Fequajjufe).

Circuito encanta o público da capital

» PABLO GIOVANNI

Junho é sinônimo de muita festa, com fogueiras, comidas típicas e, claro, as tradicionais quadrilhas juninas. Num verdadeiro espetáculo de fantasias, ritmo e música, sete quadrilhas se apresentaram ontem no Ginásio do Cruzeiro, concluindo a primeira etapa do circuito da Federação das Quadrilhas Juninas do Distrito Federal e Entorno (Fequaju-DFE).

Lampião liderou um dos mais famosos bandos de cangaceiros do Nordeste brasileiro nas décadas de 1920 e 1930. O cangaceiro inspirou uma vasta produção literária e artística no país, sendo também tema da

Sanfona Lascada, primeira quadrilha a se apresentar ontem. O dançarino Michael Douglas, 30 anos, deu vida ao "Rei do Cangaço", que morreu em 28 de julho de 1938.

"É muito gratificante ver o público bastante animado com nossa apresentação. O tema é sobre uma história forte, exigiu muito de nós. Estamos entregando aquilo em que trabalhamos intensamente, e ver as pessoas felizes é a maior gratificação que temos", vibra. "As pessoas têm uma visão negativa do cangaço, mas mostramos que há muita festividade nisso", conta.

Já a noiva de Lampião, Maria Bonita, foi retratada pela dançarina

Lilian Suelen, 39 anos. Para ela, iniciar a noite de apresentações sempre provoca um frio na barriga, mas ressaltou a importância de oferecer um bom espetáculo ao público. "O nervosismo está a mil. Daqui para frente, vamos aprimorar nosso trabalho, que já é maravilhoso. Acredito que o resultado de um grande esforço seja o título. Vamos lutar por isso, pois fizemos uma apresentação perfeita", vibrou.

Coroação

As apresentações das quadrilhas juninas vinculadas à federação serão realizadas por etapas. Com a conclusão no Ginásio do

Cruzeiro, a próxima ocorrerá em Planaltina, nos dias 28, 29 e 30 de junho; a terceira em Samambaia, nos dias 19, 20 e 21 de julho; e a quarta e última em Ceilândia, nos dias 27 e 28 de julho. O vice-presidente da Fequaju-DF, Geolando Gomes, destacou que as quadrilhas fortalecem a cultura popular e a preservação da tradição.

"Esse evento é o início de um ciclo muito bonito para nós. As quadrilhas também fomentam a economia criativa do Distrito Federal, e ter esse público conosco é a coroação de um grande trabalho. Há quadrilhas que existem há quase 40 anos, trazendo alegria aos brasilienses", vibra.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Festival Candangão Junino com Quadrilha Sanfona Lascada